

O secretário de Estado da Cultura ferido num "Florete"

Mourão-Ferreira protege colaboradores e manda instaurar inquéritos

• *Lamenta-se que o seu "pedido de demissão" não tenha sido dirigido ao Primeiro-Ministro*

Do prof. David Mourão Ferreira, secretário de Estado da Cultura, entregou-me o nosso director a seguinte carta que passo a transcrever:

"Publicou o jornal que V. Excia. dirige, nos dias 16 e 17 do corrente, sob o título genérico de "Florete", dois artigos em que são feitas as mais graves acusações e as especulações mais contestáveis a serviços e a funcionários desta Secretaria de Estado.

Independentemente, e sem prejuízo dos procedimentos judiciais a que sem dúvida

irão recorrer os pessoalmente visados em tais artigos, não posso eu deixar — quer como secretário de Estado da Cultura quer a título individual — de apresentar desde já a V. Excia. o meu mais veemente protesto contra o teor e o tom dessa campanha e de simultaneamente afirmar, perante os leitores do seu diário e perante a opinião pública em geral, que só tenho provas para em princípio reiterar uma absoluta confiança nas entidades atingidas através daqueles escritos.

Considerada, no entanto, a extrema gravidade de muitas das acusações formuladas, vou imediatamente mandar instaurar — a solicitação, aliás, dos próprios senhores secretário geral e director-geral da Cultura — rigorosos inquéritos que deverão averiguar, até aos mínimos pormenores possíveis, o fundamento das mencionadas acusações.

Reservo-me, por outro lado, o direito de oportunamente, e por meios mais adequados, esclarecer a opinião pública acerca dos prováveis motivos desta e de outras campanhas já avulsamente ensaiadas. Essencialmente, o que não se perdoará ao actual secretário de Estado da Cultura é o facto de ele procurar, com maior isenção, como já anteriormente acontecera, respeitar democraticamente o carácter pluralista das actividades e das instituições culturais; é o facto, ainda, de ele se esforçar por que sempre se reflita, em tais actividades e em tais instituições, a expressa vontade maioritária do Povo português; é o facto, enfim, de ele ter voltado ao desempenho deste cargo sem aqueles instintos "revanchistas" e propósitos "saneadores" de que muito erradamente o julgariam capaz determinadas forças empenhadas em primárias segregações. Mas tudo isto,

como já disse, virá a ser matéria de outro mais amplo esclarecimento."

NOTA DO REDACTOR — Cabe-me agora a vez de responder ao poeta que admiro e ao secretário de Estado que lamento:

Considero a carta que V.Exa. enviou ao director do meu jornal um pedido de demissão, pedido esse que acolhi com surpresa visto conter dois erros: um de forma e outro de substância.

Formalmente, deveria ter sido dirigido ao Primeiro-Ministro nos termos do n.º 3 do Art.º 194.º da Constituição.

O conteúdo também deveria ter sido diferente, em termos mais óbvios e frontais.

Mas há que ter em conta que os poetas são seres com atributos mais do que celestiais que, por isso mesmo, os levam a relacionar de maneira tão especial a ideia com a palavra e é desse binómio fundamental que surge a Poesia, Poesia que em V.Exa. sr. secretário de Estado, é admirável.

Porém, quando se infringe o Princípio de Peter (ou das Competências), quando o poeta aceita ser outra coisa que não poeta, surge um "travesti" de administrativo ou um secretário de Estado falhado.

Em V.Ex.ª, a infracção ao princípio de Peter foi implacável nas consequências matematicamente certas. Solicitado para exercer um cargo para o qual não possui os necessários atributos e convicções que permitam desempenhá-lo condignamente, V.Ex.ª ultrapassou o seu grau de competência — e um poeta brilhante transformou-se num governante mediocre.

O pedido de demissão de V.Exa. do cargo de secretário de Estado da Cultura vem, num acto falhado, enroupado numa carta a um órgão da Comunicação Social, brandindo e terçando armas por um punhado de incompetentes, de comunistas e apa-

niguados, de subversivos detractores da Cultura Portuguesa, por uma escumalha que de Cultura sabe soletrar e mal as letras que a compõem.

Perseguições judiciais ou de qualquer outro tipo, V.Exa. que até por acaso me conhece, sabe bem que não me impressionam nem me conseguem calar. Tivesse V.Exa. ou qualquer dos funcionários por mim atingidos tido a iniciativa (e a possibilidade) de me demonstrarem que o que escrevi é falso, e seria eu o primeiro a retratar-me perante os meus leitores.

Não o fizeram eles.

V.Exa. também não.

Acusa-me de ser um elo de uma campanha contra si. V.Exa. sabe que tal não é verdade pois conhece o motivo por que decidi atacar a secretaria de Estado que dirige — a morte do malgrado Luís Jacobetty.

Postos estes esclarecimentos não serei eu a negar-lhe o seu Invío, rebuscado e poético pedido de demissão de gestor da Cultura Nacional e de cavalheiresco defensor de oportunistas, de agentes da subversão cultural e do imperialismo soviético, porque quem com tal gente se complicita renega a Cultura que se propõe defender e, obviamente a Pátria.

Ao sr. Primeiro-Ministro caberá, contudo, a decisão final.

Pela minha parte prosseguirei o meu trabalho até esgotar tudo quanto sei da actividade comunista ou oportunista na Cultura e nada, nem o facto de conhecer V.Exa., nem a circunstância de trabalharem na SEC pessoas que me são queridas e que são ameaçadas torpemente, nem quaisquer represálias com que tentem intimidar-me, serão capazes de me silenciarem.

JOÃO GARIN

P.S. — Por motivos evidentes não publiquei hoje "Florete". Sairá amanhã.

